

ESTRATÉGIA DE COMBATE AO PRECONCEITO CONTRA A DIVERSIDADE SEXUAL: UMA NOVA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO

Autora: Kelyane Oliveira de Sousa¹; Orientadora: Dalila Xavier de França²

¹ Universidade Federal de Sergipe. E-mail: kely.olliveira@hotmail.com

² Universidade Federal de Sergipe. E-mail: dalilafranca@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa buscou verificar a efetividade de um programa de habilidades sociais na redução do preconceito contra a diversidade sexual e de gênero. Participaram desse programa 22 adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 17 anos, alunos de uma escola pública do município de Aracaju, Sergipe. A Escala de Preconceito contra a Diversidade Sexual e de Gênero foi aplicada antes e após a participação dos jovens no programa, para que assim fosse possível realizar a análise comparativa. Os resultados apontam redução significativa desse tipo de preconceito entre os jovens, o que constata o efeito positivo desse tipo de intervenção entre adolescentes como forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual e de gênero.

Palavras-chaves: diversidade sexual, habilidades sociais, homofobia, preconceito, adolescência.

INTRODUÇÃO

A adolescência, ao longo da história, foi estudada por pesquisadores a partir de uma perspectiva de fase de desenvolvimento do indivíduo marcado pela característica de rebeldia, estresse e problemas. No entanto, na atualidade, a psicologia social aborda essa fase da vida enquanto processo, sem fronteiras delimitadas, a partir da visão de que cada indivíduo é singular, possui sua própria cultura e uma vida social bastante complexa (BERNI; ROSO, 2014). Além desses aspectos do estudo dessa fase de vida, outra característica se destaca nessa etapa é a descoberta da sexualidade. Enquanto fase de transição, de abandono da infância, a adolescência se configura também como momento de descobertas desse aspecto do desenvolvimento, pois, segundo Corona e Funes (2015), a maioria dos indivíduos inicia a sua vida sexual na adolescência e, para estes, a sexualidade é uma faceta da identidade do desenvolvimento sexual.

Nessa direção, a sexualidade pode ser expressa de diversas formas, com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Ou seja, há uma diversidade sexual com a qual os jovens adolescentes passam a conviver no seu cotidiano. Assim, a convivência com diferentes expressões de comportamentos e atitudes sexuais podem acarretar outros comportamentos, incluindo os disfuncionais, como o preconceito contra gays, lésbicas, travestis e transexuais.

Tratado por diversos pesquisadores através do termo homofobia, esse tipo específico de preconceito diz respeito a hostilidade em relação aos homossexuais, homens ou mulheres,

que compreende na visão do outro como ser inferior, anormal e ainda fora do universo humano (BORRILLO, 2001). Tal termo foi inicialmente utilizado para definir os sentimentos negativos como aversão, desprezo, ódio, desconforto e medo, em relação aos homossexuais (WEINBERG, 1972). Porém, para Junqueira (2012), o emprego desse termo precisa ser utilizado de forma cuidadosa, pois quando a relação deste é feita com a homossexualidade, pode transmitir a sensação de não incluir nas vítimas da homofobia os transgêneros, transexuais e travestis.

Dessa forma, em concordância com a proposta de Junqueira (2012), o termo utilizado nessa pesquisa para o fenômeno estudado é o do preconceito contra a diversidade sexual, conforme proposto por Costa, Bandeira e Nardi (2015). Essa nomenclatura foi escolhida por abarcar um conceito mais amplo, com aspectos mais contextualizados à expressão do preconceito no Brasil, que são: (1) o ódio, aversão, medo irracional e repulsa agressiva não só pertinente aos homossexuais, mas também aos bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros (LOURO, 2004), ou seja, aos indivíduos não heterossexuais; (2) ter como alvo também qualquer indivíduo que apresente uma expressão de gênero contrária à heteronormatividade, ou seja, em discordância com seu sexo biológico (COSTA et al., 2015; HEREK, 2000). Nesse sentido, o preconceito contra a diversidade sexual, é caracterizado por atitudes negativas contra grupos ou indivíduos de diferentes identidades sexuais e de gênero distintas das normas heterossexuais (COSTA et al., SOUZA, 2015; HEREK, 2000)

Para Junqueira (2012), o preconceito contra a diversidade sexual é um problema social e, portanto, tem havido um aumento da disposição e da sensibilidade para tratar desse fenômeno a partir de uma visão mais crítica com relação à sua reprodução e ao seu modo de enfrentamento. Nessa direção, podemos pensar na instituição escolar como possuidora de um importante papel na evolução desse fenômeno, já que este se caracteriza como espaço de socialização secundário do indivíduo em desenvolvimento – sendo a família a primeira instância. Ou seja, a escola é um valoroso espaço onde o indivíduo adquire crenças, valores e modos culturais de comportamentos (FRANÇA, 2013), através dos pares (crianças da mesma idade), de adultos que não pertençam seu ambiente familiar e diversos outros objetos de conhecimento, o que possibilita a aquisição de outros modos de leitura do mundo (CAVALLEIRO, 2005).

Nesse cenário, é possível afirmar que indivíduos que vivem inseridos em um contexto social têm grande parte das suas vidas regidas pelas relações interpessoais que mantêm. Assim, déficits na competência social, ou seja, na emissão de comportamentos

socialmente habilidosos, podem acarretar em problemas de aprendizagem, adversidades no trabalho, dificuldades em manter relações com os pares, prejuízos no desenvolvimento emocional, dentre outros. Além disso, outra relação possível é de que déficits de habilidades sociais também podem originar dificuldades em conviver com diferente, com o que foge do que é mais comum ou mais aceito socialmente no que diz respeito ao comportamento social, como por exemplo, dificuldades em conviver com pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo ou que não se comportam de modo correspondente ao seu gênero e, ainda, na emissão de comportamentos violentos à esses sujeitos, como no caso de comportamentos discriminatórios que envolvem crimes e até assassinatos.

À vista disso, esse estudo propôs verificar a efetividade de um programa de treinamento de habilidades sociais na redução do preconceito contra a diversidade sexual em adolescentes. Para atingir esse objetivo, foi realizado um estudo quase experimental com pré-teste e pós-teste (SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK, 1976), possibilitando assim uma comparação antes e depois da intervenção.

METODOLOGIA

A presente pesquisa consiste em um estudo quase experimental de série temporal descontínua com pré-teste e pós-teste (SELLTIZ et al., 1976). No pré-teste realizou-se um levantamento exploratório dos níveis de preconceito contra a diversidade sexual e de habilidades sociais. Em seguida foi realizado o tratamento experimental, que consistiu no treinamento de habilidades sociais com ênfase sobre a diversidade sexual e de gênero. Por fim, foi aplicado o pós-teste, que se referiu a uma nova aferição dos níveis de habilidades sociais e de preconceito na mesma amostra.

3.2 Objetivo Geral do Estudo

O objetivo geral foi verificar a efetividade do programa de habilidades sociais na redução do preconceito contra a diversidade sexual e de gênero. Ou seja, pretendeu-se realizar treinamento de habilidades sociais com enfoque na diversidade sexual e de gênero; e verificar se após a intervenção, os níveis de preconceito contra a diversidade sexual e de gênero reduzem, comparativamente aos resultados encontrados na avaliação inicial.

3.3.1 Amostra

Participaram dessa pesquisa 22 adolescentes, alunos do 9º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na grande Aracaju. Destes, 12 eram do sexo masculino e 10 do sexo feminino, na faixa etária entre 14 e 17 anos, com média de 15.95. Uma parte dos jovens, 68.2% (n = 15), afirmou possuir renda entre um e cinco salários mínimos, enquanto 27.3% (n = 6) não souberam ou não quiseram responder a essa pergunta. Sobre seguir algum tipo de religião 59.1% (n = 13) afirmaram que sim. Desse quantitativo, 31.8% (n = 7) declararam ser católicos e 27.3% (n = 6) evangélicos. Já com relação a proximidade com familiares, amigos ou conhecidos próximos que sejam gays, lésbicas, travestis ou transexuais, 90.9% (n = 20) declararam possuir e apenas 9.1% (n = 2) alegaram que não possuem.

Contudo, por se tratar de uma pesquisa-intervenção e, conseqüentemente, possuir um caráter longitudinal, tivemos uma mortalidade experimental de quatro participantes. Isso se deu devido ao fato de que, apenas 19 participaram do pós-teste. Sendo assim, conforme detalhado na sessão específica para os resultados desta pesquisa, a amostra final contou com o total de 19 participantes.

3.3.3 Procedimentos e Instrumentos

3.3.3.1 Procedimentos

A pesquisa teve início após autorização da escola e dos pais dos jovens, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na ocasião, foram descritas todas as etapas da pesquisa. Então, os jovens foram convidados a responder ao instrumento selecionado – pré-teste - e também a participar da etapa da intervenção, o grupo de Treinamento de Habilidades Sociais. Após a finalização do treinamento, o instrumento foi novamente aplicado – pós-teste. As duas aplicações, assim como a implementação do treinamento foram realizados em grupo, na escola onde os adolescentes estudam, no turno das suas aulas. A seguir serão descritos os procedimentos realizados na etapa de intervenção.

3.3.3.2 Instrumento

Para averiguar os níveis de preconceito dos adolescentes foi utilizada a Escala de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero (COSTA et al., 2015) que é composta por

16 itens, validados e adaptados à forma como o preconceito sexual e de gênero se apresenta no Brasil, ou seja, avaliando esses dois constructos conjuntamente.

Os itens são dispostos em uma escala *Likert* de cinco pontos que variam de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (5), com o objetivo de verificar o preconceito contra a orientação sexual e contra conformidade de gênero. Os itens tratam especificamente do preconceito contra lésbicas, gays, transexuais e não conformidade de gênero. Nesse sentido, quanto mais as respostas se aproximarem do valor 5, maior será a evidência do preconceito.

3.3.4 Análise dos dados

Os dados obtidos a partir da escala foram inseridos em um banco de dados do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22. Foram realizados então procedimentos exploratórios nesse banco para verificar a necessidade de ajustes, seguidos pelo cálculo das estatísticas descritivas.

Resultados e discussão

Após a etapa da intervenção – implementação do programa de treinamento de habilidades sociais voltado para questões sobre a diversidade sexual e de gênero – uma nova aferição dos níveis de preconceito contra a diversidade sexual e de gênero foi realizada com o propósito de evidenciar os efeitos do programa de treinamento de habilidades sociais sobre a redução do preconceito dos adolescentes. Portanto, uma análise comparativa entre a mensuração feita no pré-teste (antes da intervenção) e no pós-teste (após a intervenção) foi elaborada. Os resultados dessa análise foram descritos a seguir.

Níveis de preconceito contra a diversidade sexual entre adolescentes

A análise de variância para medidas repetidas (ANOVA) indicou a diferença significativa nos níveis de preconceito contra a diversidade sexual e de gênero do pré-teste para o pós-teste [$F(1, 19) = 8.53, p = 0.01$]. O índice de preconceito contra a diversidade sexual entre os adolescentes que, na análise inicial (pré-teste) foi de $M1 = 2.79$ ($DP = 1.03$), sofreu uma redução após o programa de habilidades sociais voltado para questões relacionadas com a diversidade sexual, apontando uma média de $M2 = 2.34$ ($DP = 0.85$).

Esses dados demonstram que os adolescentes, inicialmente considerados

moderadamente preconceituosos no tocante à diversidade sexual e de gênero, apresentaram uma redução significativa desse tipo de preconceito após a intervenção realizada com eles. Ou seja, eles tiveram ganhos com o programa de treinamento. Esse dado corrobora a hipótese da presente pesquisa que traçou a possibilidade de que os níveis de preconceito aferidos na aplicação da escala correspondente a esse constructo no pré-teste seriam reduzidos após o programa de treinamento de habilidades sociais voltado para questões sobre a diversidade sexual e de gênero.

Esse achado também valida a ideia de que intervenções educativas no ambiente escolar têm a capacidade de alterar ambientes psicológicos na direção de permitir aos jovens potencializar suas habilidades e adquirir outras novas (GARCIA; COHEN, 2012), aspecto que respalda a base que serviu como fundamento da presente pesquisa que foi a de que, como o preconceito e as habilidades sociais são constructos baseados na aprendizagem social, então, para haja um aumento das habilidades dos indivíduos e, em decorrência disso, uma redução nas suas crenças calcadas no preconceito, pode-se fazer o ensino de habilidades deliberadamente, como foi o caso do programa de treinamento de habilidades sociais voltado para questões relacionadas com a diversidade sexual e de gênero.

Além disso, o procedimento interventivo produziu mudanças no ambiente dos adolescentes. Assuntos que eram tabus ou até mesmo proibidos dentro da escola tiveram, durante o tempo em que ocorreram os encontros do grupo, um espaço legitimado de discussão e aprendizagem, onde os jovens puderam se despir das crenças enraizadas e do senso comum de uma sociedade heterossexista como a nossa, para conhecer melhor sobre indivíduos que fazem parte de um grupo minoritário, que nesse caso foram as pessoas não pertencentes ao grupo social dos heterossexuais. Assim, era esperado que houvesse a redução do preconceito mensurada na escala após a realização da intervenção, pois segundo Groppo (2000) e Arpini (2003), o ambiente influencia de forma significativa o modo de pensar dos adolescentes, assim como seus valores e sua cultura.

A diferença positiva encontrada na comparação entre o pré e pós-teste quanto ao preconceito, pode sugerir a possibilidade de redução da violência verbal e psicológica disferidas pelos próprios adolescentes. Como mencionado por Natarelli et al. (2015) e Souza et al. (2015) esse tipo de violência é muitas vezes praticada pelos próprios pares que agredem, xingam e ofendem os colegas que não se encaixam nos padrões de comportamento esperados para o seu gênero. Então, a partir dos dados verificados, supomos que a redução do preconceito ocorrida no presente estudo poderá refletir-se na diminuição do comportamento

de bullying escolar e homofóbico. Além disso, um outro aspecto que solidifica ainda mais essa concepção foi obtida durante a etapa de intervenção, na quarta sessão do treinamento, onde foi possível observar mudanças de atitudes e comportamento daqueles adolescentes que, ao invés de reforçarem o bullying que o colega estava sofrendo, ou até mesmo praticá-lo diretamente, eles agiram no sentido evitar constrangimentos e o consequente sofrimento emocional do colega. De acordo com os próprios jovens, eles agora tentavam impedir essas situações.

A redução do preconceito verificada após a intervenção pode ser atribuída também à exposição a diferentes normas e valores sociais (FENG et al, 2012), incluindo a ressignificação de alguns desses, a partir da consciência da existência de estilos de vida além daqueles vivenciados pelos os adolescentes. No programa de treinamento, foi exposto aos adolescentes exemplos reais, por exemplo, da descoberta da sexualidade, de como essa não é uma opção dos indivíduos, mas sim uma etapa natural do seu desenvolvimento; ou ainda de como pessoas transexuais se percebem assim, como vivem e como se sentem em relação ao outro e a elas mesmas. Enfim, lhes foi apresentado uma realidade diferente daquelas que eles vivenciam, oportunizando que eles se colocassem no lugar do outro, que aprendessem a lidar com pessoas com comportamentos diferentes do socialmente esperado e assim, desconstruísem as crenças estereotipadas sobre essas pessoas.

Dessa forma, os adolescentes puderam refletir sobre ter atitudes e comportamentos alternativos ao tratamento diferenciado, à hostilidade, ao desprezo, ou até mesmo às manifestações de violência físicas e verbais contra pessoas de diferentes orientações e identidades sexuais e de gênero, diminuindo assim, as diversas formas de preconceito contra essas pessoas. Ainda, a partir da aproximação com as experiências vivenciadas por pessoas não heterossexuais - através dos vídeos, filmes, discussões e demais atividades do programa de treinamento - foi oportunizado aos adolescentes refletir sobre o preconceito e a discriminação que esses indivíduos sofrem no seu cotidiano, fazendo comparações com situações constrangedoras ou violentas que os próprios jovens já haviam vivenciado, produzindo assim uma maior abertura para o contato, ao menos, respeitoso com indivíduos pertencentes a grupos de diferentes sexualidades, favorecendo assim, a aceitação de diversas formas de expressão da sexualidade.

Sendo assim, a intervenção elaborada para essa pesquisa propôs a aproximação dos adolescentes com indivíduos membros de grupos diferentes dos heterossexuais, ou ainda, de qualquer pessoa que tem comportamentos diferentes daqueles esperados socialmente

correspondentes ao seu sexo biológico. E, a partir do conhecimento, do aprendizado sobre pessoas e modos de viver diferentes, acreditamos que, como consequência, possibilitamos que as relações sociais com indivíduos com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero não sejam permeadas pelo preconceito. Dessa forma, como já dito, essa desconstrução de crenças e estereótipos foram calcadas no ensino de habilidades sociais, onde estão inclusos os comportamentos relacionados à empatia, civilidade, autocontrole, assertividade, desenvoltura social e abordagem afetiva.

CONCLUSÕES

Acredita-se que o objetivo principal dessa pesquisa foi alcançado visto que todas as etapas elaboradas foram concluídas e a participação dos adolescentes, aspecto crucial para que o programa fosse bem-sucedido, foi bastante satisfatória, já que os mesmos tiveram uma boa aceitabilidade do programa, principalmente por aquele ser um espaço onde podiam tratar de assuntos considerados tabus. Além disso, tivemos como resultado determinante, para constarmos a eficácia do programa, a redução do preconceito contra a diversidade sexual, meta principal da intervenção desta pesquisa.

O alcance do objetivo principal do estudo aponta que o treino em habilidades sociais é uma estratégia eficaz para o combate ao preconceito contra a diversidade sexual, já que podemos atribuir a redução de comportamentos disfuncionais – como os discriminatórios - ao ensino de habilidades como assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social pertinentes às relações interpessoais com indivíduos que destoam na norma heterossexual, visto que esse tipo de mudança, de comportamentos e atitudes, já foi imputado à aquisição e aprimoramento de habilidades sociais em outros estudos correlacionados com problemas de convivência na escola (MAIA; LOBO, 2013) e *bullying* (POLAN et al., 2010; PECUELA; BOCOS, 2013).

REFERÊNCIAS

ARPINI, D. M. **Violência e exclusão – A adolescência em grupos escolares**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica.

Psicologia e Sociedade, v. 26, n. 1, 2014, p. 126-136.

BORRILLO, D. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.

CAVALLEIRO, E. S. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação antirracista: caminho abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.65-104.

CORONA, H. F.; FUNES, D. F. Abordaje de la sexualidad en la adolescência.

Revista Médica Clínica Las Condes, v. 26, n. 1, 2015, p. 74-80.

COSTA, A. B., BANDEIRA, D. R.; NARDI, H. C. (2105). Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 2, 2015, p. 163-172.

FENG, Y. et al. Adolescents' and young adults' perception of homosexuality and related factors in three Asian cities. **Journal of Adolescent Health**, v. 50, 2012, p. 52 - 60.

FRANÇA, D. X.; MONTEIRO, M. B. Social norms and the expression of prejudice: The development of racism aversive in childhood. **European Journal of Social Psychology**, v. 43, 2013, p. 263-271.

GARCIA, J.; COHEN, G. L. (2012). A social-psychological approach to educational intervention. In SHAFIR, E (Ed.), **Behavioral foundations of policy**, Princeton, NJ: Princeton University Press

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e histórias da juventude moderna**. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, 2000.

HEREK, G. M. The psychology of sexual prejudice. **Current Directions of Psychological Science**, v. 9, n. 1, 2000, p. 19-22.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, 2012, 1-22.

MAIA, D. DA S.; LOBO, B. DE O. M. O desenvolvimento da habilidade de solução de problemas interpessoais e a convivência na escola. **Psicologia em Revista**, v. 19, n. 1, 2013, 17-29.

NATARELLI, T. R. P. et al. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery: Revista de enfermagem**, v. 19, n. 4, 2015, p. 664-670.

PECULEA, L.; BOCOS, M. Development of social and emotional skills through interventions programs among adolescents. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 76, 2013, p. 618 – 623.

POLAN, J., SIEVING, R.; MCMORRIS, B. (2010). Are Young Adolescents' Social and Emotional Skills Protective Against Involvement in Bullying and Violence? **Journal of Adolescent Health**, v. 46, n. 2, 2010, p. 64-65.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1976.

SOUZA, E. DE J. **Diversidade sexual e homofobia na escola: representações sociais de educadores/as da educação básica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil.

WEINBERG, G. **Society and the healthy homosexual**. New York: Saint Martin's, 1972.